

UMA ESQUERDA PARA AQUI E AGORA

EDITORIAL | JOÃO TEIXEIRA LOPES

ESTE NÚMERO DA VÍRUS PUBLICA ALGUNS dos textos produzidos a partir das intervenções proferidas no encontro da Aula Magna sobre “Serviços Públicos e Democracia” (14 de Dezembro de 2008). Relembramos o objectivo primeiro da respectiva Comissão Promotora: “o fórum da Aula Magna será esse espaço de reflexão aberta de quem entende que a defesa dos serviços públicos modernos de qualidade é um valor essencial da responsabilidade da República”. Assim, a Vírus solicitou aos autores autorização para publicar os textos e aqui estão os que ou estavam escritos ou puderam ser escritos a tempo, com a versão final que cada autor ou autora lhes quis dar. Assim, nada comprometem senão as diversas opiniões que são as destas vozes e pensamentos.

Todos os textos têm data e circunstância. Alguns estão aparentemente mais situados do que outros, particularmente no que se refere à Educação, dada a enorme preocupação existente na altura sobre a

política educativa do primeiro governo Sócrates e o embate contra os professores, mas os princípios que lhes estão subjacentes permanecem de uma rigorosa actualidade. De um modo geral, pressente-se uma atmosfera de «fim de ciclo» político.

Não por acaso o mote deste encontro centrou-se na questão da “democracia e serviços públicos”. Um avanço substantivo face ao fórum da Trindade onde se quebrou o tabu sobre a possibilidade de conversar e convergir à esquerda. Aqui há já uma agenda: os serviços não transaccionáveis como cerne de uma democracia de qualidade, como fundamento mesmo da própria democracia. O projecto, enfim, de justiça na sociedade e na economia enquanto direcção modernizadora em tudo oposta ao desmantelamento neoconservador do espaço público.

Na verdade, como as páginas seguintes tão bem ilustram, a alternativa não está entre a privatização e a prestação de serviços medíocres. Ao invés, o desin-

vestimento sistemático na rede de serviços públicos surge, precisamente, como legitimação perversa de uma intenção predatória sobre os recursos comuns. A singularidade do capitalismo rentista português ilustra com intensidade a socialização por parte do Estado dos riscos e prejuízos dos grandes grupos económicos, ao mesmo tempo que progressivamente lhes entrega os domínios de lucro garantido e fácil, particularmente aqueles onde a procura é inelástica.

A actual crise sistémica do capitalismo avançado mostra à saciedade a “alma” dos mercados na ortodoxia do ajustamento orçamental: privatizar ao limite; deflação salarial como estímulo ao crescimento; aumento do desequilíbrio entre salários e lucros; corte nas despesas públicas e no investimento do Estado; pacto político conservador. Perante a “irritação” dos mercados, os habituais pruridos deixam de fazer sentido e percebe-se, de uma assentada, que o Fundo Monetário Internacional, a Comissão Europeia (o

eixo franco-alemão zurzindo a ameaça do colapso do euro e apontando-nos a porta de saída da integração europeia) e as fantasmagóricas “agências de rating” (as mesmas que premiram o gatilho da crise ao credibilizarem e disseminarem o “lixo tóxico” – para quando a sua transformação, como sugere Nuno Teles, em agências públicas internacionais, sem fins lucrativos, cujos modelos de avaliação sejam transparentes?!) querem uma coligação profunda entre o PS, o PSD e o CDS.

As esquerdas que nestas páginas debatem o país e o mundo recusam o dogma de que os mercados decidem pelas pessoas. Não se encontrará aqui propaganda sobre a construção próxima e estereotipada do socialismo... Traçam-se antes linhas de convergência que não escondem diferentes grelhas de leitura da realidade. É esta a “esquerda máxima”: a que não foge ao debate e que, na diversidade, encontra caminhos concretos de combate pela urgência de um outro mundo.